

As práticas discursivas de Marília Gabriela em entrevistas com atores considerados galãs da televisão brasileira

The discursive practices of Marília Gabriela in interviews with actors considered galleries of Brazilian television

Sineide Gonçalves¹

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais – Belo Horizonte – MG

Resumo: Neste artigo, analisamos as estratégias discursivas e o propósito comunicativo de Marília Gabriela ao entrevistar três atores considerados galãs da televisão brasileira no programa MARÍLIA GABRIELA ENTREVISTA. O enfoque principal das análises apresentadas é confirmar que estratégias discursivas, como mudanças de *footing*, pistas de contextualização e esquemas de conhecimento, interferem na interpretação de tudo o que é dito e feito pelos participantes de um evento comunicativo. Na primeira parte, apresentamos os conceitos do estudo da língua em contextos sociais específicos, denominados contextos microecológicos, baseando-se nas abordagens sobre o estudo da fala da Sociolinguística Interacional, representadas neste artigo por Goffman, (2013 [1974]); Gumperz, (2013 [1982]) e Tannen & Wallat, (2013 [1986]). Em seguida, destacamos algumas considerações pertinentes à entrevista de mídia televisiva. Depois, passamos à análise dos dados, demonstrando que o resultado desse estudo corroborou a hipótese levantada de que os diferentes esquemas de conhecimento de Marília Gabriela a respeito de seus entrevistados direcionaram as suas mudanças de *footing* marcadas pelas pistas de contextualização.

Palavras-chave: *Footing*. Estrutura de Expectativa. Pista de Contextualização. Marília Gabriela Entrevista.

Abstract: In this article, we analyze the discursive strategies and the communicative purpose of Marília Gabriela when interviewing three considered actors of Brazilian television in the program MARÍLIA GABRIELA INTERVIEW. The main focus of the analyzes presented is to confirm that discursive strategies, such as jogging changes, clues to contextualization and knowledge schemes, interfere in the interpretation of everything that is said and done by participants in a communicative event. In the first part, we present the concepts of language study in specific social contexts, called microecological contexts, based on the approaches on the study of speech in Inter- national Sociolinguistics, represented in this article by Goffman, (2013 [1974]); Gumperz, (2013 [1982]) and Tannen & Wallat, (2013 [1986]). Next, we highlight some considerations pertinent to the television media interview. We then proceed to analyze the data, demonstrating that the result of this study corroborated the hypothesis raised that the different schemes of knowledge of Marília Gabriela regarding their interviewees directed their changes of footing marked by the clues of contextualization.

Keywords: Footing. Structure of Expectation. Contextualization Track. Marília Gabriela Interview.

¹ Doutoranda em Linguística Teórica e Descritiva pelo programa de pós-graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Minas Gerais. sineide.ufmg@gmail.com



1. Introdução

A língua falada em interação é um sistema complexo em transformação. Ela se estabelece de acordo com os propósitos comunicativos dos interlocutores que participam de um evento social. Esse é o conceito de interação face a face que ocorre num ambiente de construção do significado social do discurso e foi introduzido no artigo seminal *The Neglected Situation*², de Erving Goffman (1998). Nesse artigo, encontramos os conceitos e a importância do estudo da fala em interação, além de entendermos os conceitos que envolvem a participação de indivíduos em eventos comunicativos.

De acordo com Ribeiro & Garcez (2013), o artigo de Goffman descreve e analisa as seguintes questões:

[...] a complexidade das variáveis sociolinguísticas envolvidas na interação e assinala a importância do valor atribuído a essas variáveis pelos participantes durante uma dada situação social. Assim, o estudo da relação língua e sociedade passa a ser visto a partir do uso da fala em contextos sociais específicos, assumindo um arcabouço teórico bem mais complexo. (GOFFMAN, 1972, *apud* RIBEIRO; GARCEZ 2013, p. 13).

Embora a análise da organização social do discurso em interação tenha sido, por muito tempo, negligenciada como cenário de pesquisa, vários estudiosos da língua vêm atualmente analisando o uso da fala em contextos sociais específicos a partir do arcabouço teórico metodológico da Sociolinguística Interacional.

Por ser interdisciplinar, essa teoria tornou-se uma importante área de pesquisa nos últimos anos. No campo da Pragmática, por exemplo, Nóbrega (2016), observando o comportamento discursivo de um professor em sala de aula pelo viés da Sociolinguística Interacional, chegou à conclusão de que os professores devem refletir sobre seu comportamento verbal e não verbal ao ministrarem suas aulas, para que sua conduta discursiva incentive a participação oral dos alunos em sala de aula.

No campo da Prosódia, Ferreira (2015) verificou o papel da prosódia e das pistas de contextualização na construção da ironia, seguindo as orientações da Sociolinguística Interacional para descrever os movimentos faciais e corporais na expressão irônica dos participantes de um programa televisivo.

² Traduzido do original *The Neglected Situation* (*American Anthropologist*, 1964) para o português em Ribeiro e Garcez (1998, p. 11-5).

Também podemos citar Machado (2017), ao enfatizar que a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) é uma língua que representa uma comunidade linguística que realiza interações face a face a partir de um código linguístico visual como sua primeira língua. Além disso, Gumperz (1984) entende que uma comunidade linguística é:

todo conglomerado humano caracterizado por uma integração regular e frequente por meio de um conjunto de signos verbais compartilhados por todos os indivíduos deste aglomerado distinto de outros aglomerados por causa das diferenças no uso da linguagem. (GUMPERZ, 1984, p. 269).

O enfoque principal das análises apresentadas neste artigo é confirmar que estratégias discursivas como mudanças de *footing*, pistas de contextualização e esquemas de conhecimento interferem na interpretação de tudo o que é dito e feito pelos participantes de um evento comunicativo. A partir da aplicação desses conceitos, esperamos corroborar os estudos das relações sociais com a vasta pesquisa feita sobre o assunto, indicando, por exemplo, que a língua falada em interação face a face de qualquer evento comunicativo é um sistema complexo, dinâmico e sutil, que pode ser analisado a partir dos conceitos da Sociolinguística Interacional.

Baseando-se nas abordagens sobre o estudo da fala na Sociolinguística Interacional por Goffman (1974); Gumperz, (1982) e Tannen & Wallat, (1986), este estudo analisou as estratégias discursivas e os propósitos comunicativos de uma entrevistadora diante de três atores famosos da televisão brasileira. O programa é o MARÍLIA GABRIELA ENTREVISTA, um formato televisivo que transformou-se num sucesso de audiência por se tratar de um evento que convida personalidades para contar suas histórias e suas experiências. Marília Gabriela Baston de Toledo, também conhecida como Gabi, é quem comanda esse programa, que é veiculado pelo canal GNT há mais e dez anos.

Diante da interação televisiva do programa MARÍLIA GABRIELA ENTREVISTA, em que existe a coparticipação de todos os integrantes ao se posicionarem frente a frente, surgem as seguintes perguntas: qual o posicionamento de Marília Gabriela diante dos entrevistados? Quais foram os *footings*, os enquadres, as pistas de contextualização e os esquemas de conhecimento manifestados por Marília Gabriela diante dos seus entrevistados? Quais os papéis sociais e interacionais realizados pela entrevistadora.

A partir de tais elucidações, associaremos os conceitos de esquema de conhecimento aos de *footing* e de pistas de contextualização. Isso será feito para confirmar a hipótese lançada de que os diferentes esquemas de conhecimento que Marília Gabriela possui a respeito de seus entrevistados direcionaram as suas mudanças de *footing*, marcadas pelas pistas de

contextualização adotadas em suas práticas discursivas durante as entrevistas.

2. Os postulados goffmanianos da sociolinguística interacional

A Sociolinguística Interacional descreve, entre outros enfoques, o funcionamento da interação falada utilizada para a análise da conversa do dia a dia, que interpreta os fenômenos sociais, verbais e não verbais realizados em eventos comunicativos. Esse paradigma que segue o método qualitativo e interpretativo de análise é representado por Erving Goffman, que viu a possibilidade de interpretar as relações sociais de interlocutores em situação de fala.

Goffman (1974) enfatiza os aspectos da relação interacional a partir dos princípios dialógicos de comunicação. Esses princípios permitem observar a linguagem como um fenômeno social de interação verbal que se realiza por meio da enunciação. Nesse dialogismo, Goffman (1974) entende que a situação social deve ser negociada de tal maneira que todos os indivíduos entendam o significado do discurso de acordo com o contexto no qual a interação se desenvolve.

De acordo com Ribeiro & Garcez (2013):

A noção de contexto ganha relevância, passando a ser entendida como criação conjunta de todos os participantes presentes ao encontro e emergente a cada novo instante interacional. Os integrantes levam em consideração não somente os dados contextuais relativamente mais estáveis sobre participantes (quem fala para quem), referência (sobre o quê), espaço (em que lugar) e tempo (em que momento), mas consideram sobretudo a maneira como cada um dos presentes sinaliza e sustenta o contexto interacional em curso. (RIBEIRO; GARCEZ, 2013, p. 8)

Neste sentido, a interação falada é uma prática comunicativa que, segundo Marcuschi (2003), parte de dados de situações reais e do “*aqui e agora*” da interação. O contexto deve ser compartilhado entre os participantes do encontro social, e o discurso deve ser organizado para que todos alcancem o significado do que foi dito e feito, ou seja, de acordo com Ribeiro e Garcez (2013, p. 107), todos devem compreender “*o que está acontecendo aqui e agora*”.

Em seu estudo Frame Analysis, Goffman (1974), a partir de trabalhos realizados por Gregory Bateson, definiu enquadres como marcas estruturais de comportamento dos indivíduos utilizadas para a compreensão de tudo o que está sendo dito e feito numa situação interacional. De acordo com Goffman (1974, *apud* RIBEIRO; GARCEZ, 2013), todos os participantes de um encontro face a face propõem ou mantêm enquadres que orientam a postura dos



participantes e auxiliam na compreensão do significado do discurso a partir do contexto interacional. Esse contexto é entendido como uma colaboração conjunta entre todos os participantes presentes no encontro social que se propõem a compreender “o que está acontecendo aqui e agora”. Ao estabelecer uma relação da linguagem com os propósitos comunicativos dos interlocutores de um evento social, Brait³ (1993, *apud* FÁVERO; ANDRADE; AQUINO, 1998) afirma que:

[...] não apenas o que está dito, o que está explícito, mas também as formas dessa maneira de dizer que, juntamente com outros recursos, tais como entoação, gestualidade, expressão facial etc., permitem uma leitura dos pressupostos, dos elementos que mesmo estando implícitos se revelam e mostram a interação como um jogo de subjetividades, um jogo de representações em que o conhecimento se dá através de um processo de negociações, de trocas, de normas partilhadas, de concessões. (BRAIT, 1993, p. 194).

Enquadres são, portanto, recursos verbais e não verbais que utilizamos para atingir nosso objetivo comunicacional quando estamos diante de outras pessoas, os quais podem variar de acordo com a negociação conversacional estabelecida nos encontros sociais. Nesses encontros, que podem ser eventos de formatura, entrevistas, consultas médicas etc., os indivíduos propõem a todo o momento enquadres variados que devem ser monitorados de acordo com a situação social estabelecida.

Para caracterizar a negociação conversacional estabelecida nos encontros sociais, Goffman (1981) foi mais além: ampliou seus estudos sobre enquadres passando à definição de *footing*. Para caracterizar o aspecto dinâmico dos enquadres, Ribeiro e Garcez (2013, p. 107) definiram *footing* como desdobramento do enquadre ou “o alinhamento, a postura, a posição, a projeção do ‘eu’ de um participante na sua relação com o outro, consigo próprio e com o discurso em construção”.

Uma mudança de *footing* significa uma mudança de alinhamento, de postura de projeção do “eu” de um indivíduo diante de outros indivíduos que participam de um evento social. Segundo Rodrigues-Júnior (2002, p. 17), “o *footing* representa a capacidade dos interlocutores em atender, construir e manipular os fatores que sedimentam as características da situação em que o discurso ocorre”. Essas mudanças, de acordo com Goffman (1979), são características inerentes à fala, orientam e organizam as relações interpessoais no momento exato da interação.

³ BRAIT, Elisabeth. O processo interacional. In: PRETI, Dino (org.) *Análise de Textos Oraís*. São Paulo: Projeto NURC/SP – FFLCH-USP, 1993, p. 194.

Ao ampliar a noção de “enquadres”, Goffman (1979), por meio da definição de *footing*, analisou os papéis do falante e do ouvinte. O autor explica que, para interagirem de maneira organizada, esses sujeitos sociais se orientam pelo que está sendo dito e pelo que está sendo ouvido. Nesse sentido, para que haja a eficácia da troca de informação, é necessário que falante e ouvinte estejam posicionados frente a frente, tendo em vista que uma recepção visual oferece melhores condições de interpretação de situações interacionais em um dado contexto.

Ribeiro e Garcez (2013) dividiram em duas categorias a noção de falante e ouvinte para se chegar à base estrutural para as mudanças de *footing*: chamaram de estrutura de participação tudo aquilo que se refere ao ouvinte e formato de produção a tudo aquilo que diz respeito ao falante. Numa estrutura de participação, o ouvinte pode ser ratificado e não ratificado. O ouvinte ratificado-endereçado é o participante a quem se endereça o enunciado, ou seja, é aquele a quem o falante se reporta na esperança de uma possível troca de turno. Nos formatos de produção, o falante se desdobra em três níveis paradigmáticos: animador, o que produz o conteúdo do discurso falado; autor, aquele que cria o enunciado, responsabilizando-se por ele; e interessado, aquele que se beneficia daquilo que foi dito. Essa noção de falante é de suma importância para esta pesquisa, sobretudo, ao salientar o *footing* de Marília Gabriela como figura principal que conduz a interação (interatuando) com os seus entrevistados.

Ribeiro e Garcez (2013) demonstraram a necessidade de se reformularem os conceitos primitivos de falante e ouvinte para a análise da interação e propuseram substituí-los pelas noções de estruturas de participação e formatos de produção como bases estruturais da mudança de *footing*.

Os estudos de Erving Goffman marcaram, sobremaneira, os estudos teóricos metodológicos da Análise do Discurso. Goffman (1974), ao dedicar-se às microanálises sociais e interacionais, fez com que os analistas do discurso percebessem a linguagem enquanto prática social. Além disso, Goffman (1998), ao direcionar sua grande contribuição teórica ao estudo dos *footings*, salienta que: “a mudança de *footing* está comumente vinculada à linguagem”, ou seja, o discurso passou a ser entendido como uma construção social e cultural que se realiza por meio de estratégias discursivas performatizadas pelos indivíduos envolvidos na interação.

John J. Gumperz, em seu livro *Discourse Strategies*, publicado em 1982, analisa o discurso como comportamento ou “atividade de fala”. Suas teorias são desenvolvidas com base em muitos dos postulados goffmanianos. Gumperz (1982) propõe uma nova abordagem sociolinguística e interpretativa dos fenômenos ocorridos em encontros face a face. Gumperz

afirma que uma comunicação face a face é uma atividade de fala e se realiza por meio dos “pares adjacentes.”.

Esse teórico verificou que à medida que os participantes de um evento comunicativo interagem, mantêm enquadres que exigem uma construção interpretativa entre falante e ouvinte para a sinalização das intenções conversacionais realizadas por todos os interlocutores de um evento comunicativo. Numa conversação, os indivíduos criam, então, uma esfera interacional que Gumperz nomeia “envolvimento conversacional”. Nesse envolvimento, ocorre uma construção cooperativa da comunicação dentro de um contexto que possibilitará a construção de significados para as inferências realizadas no momento da interação.

De acordo com Gumperz (1999), os falantes possuem a capacidade de inferir pressuposições baseadas no conhecimento sociocultural que possuem por meio do envolvimento conversacional. Esse envolvimento se dá influenciado pelo contexto, pelos objetivos da interação e, sobretudo, pelos enquadres nascidos das relações interpessoais. Rodrigues-Júnior (2002, *apud* GUMPERZ 1997) chama isso de traços discursivos e os define como “o conjunto de características sociais e culturais construídas no decurso interacional, tendo na linguagem uma ferramenta de manifestação e expressão das intenções dos falantes”. Ainda de acordo com esse autor, os traços discursivos vão além do conhecimento gramatical e é apenas um dos vários fatores no processo de interpretação.

Esses traços discursivos são chamados por Hymes (1972) de “competência comunicativa”, termo utilizado por Gumperz (1998) para conceituar o que chamamos de “pistas de contextualização”. São os sinalizadores de natureza linguística (alternância de código, estilo, dialeto), paralinguística (pausas, hesitações, tempo de fala etc.) e extralinguísticas (postura, gestos, olhar etc.) que utilizamos para dar margem às inferências, aos meios discursivos de entendimento do que está sendo enunciado contextualmente e para alcançar os propósitos comunicativos numa interação face a face.

As pistas de contextualização, segundo Gumperz (1982), só alcançam significado dentro de um contexto preconcebido, ou seja, o que foi sinalizado depende do conhecimento prévio de tudo o que é reconhecido por todos os participantes: são os chamados pressupostos contextuais. Neles estão contidas as inferências que, de acordo com Rodrigues-Júnior (2002, p. 34), “têm cunho sugestivo, porque nascem de pressuposições feitas pelos interlocutores no momento da interação social”.

Enquadres e esquemas são retratados nos estudos de Gumperz (1982), como vimos

anteriormente, e tratam da ocorrência das pistas de contextualização ou “inferências conversacionais”. Estas são utilizadas para sinalizar os propósitos comunicativos dos participantes de uma interação, podem ser verbais e não verbais e ocorrem a todo o momento em eventos comunicativos.

Esses dois conceitos são retratados nos estudos de Tannen & Wallat (1987) e se referem às expectativas conversacionais criadas pelos participantes de uma interação, que podem variar de acordo com o conhecimento prévio estabelecido entre os participantes desse evento social.

Tannen & Wallat (1987) passam a considerar os enquadres como o resultado de conhecimentos prévios compartilhados que chama de estruturas de expectativas. Essas estruturas são os conhecimentos adquiridos pelas pessoas por meio de experiências anteriores, que são compartilhadas em situação de fala em eventos sociais. É através desses conhecimentos que realizamos associações e inferências sobre pessoas e acontecimentos durante uma interação.

Ao considerarem que o enquadre orienta o uso do registro e o esquema é o uso da informação prévia do registro, Tannen & Wallat (1987) interligaram esses dois conceitos para definir as estruturas de expectativas que são, portanto, as inferências comunicativas realizadas no discurso interativo.

Tannen e Wallat (1987) distinguiram duas estruturas de expectativas: os enquadres interativos e os esquemas de conhecimento. Os enquadres interativos referem-se à interpretação feita pelos interactantes de tudo o que ocorre numa interação. De acordo com Ribeiro e Garcez (2002, p. 107), o enquadre interativo “situa a metagemagem contida em todo o enunciado, sinalizando o que dizemos ou fazemos, ou como interpretamos o que é dito e feito”. Os esquemas de conhecimento dizem respeito ao conhecimento das experiências anteriores que auxiliam na interpretação de um enunciado. Assim como o enquadre é a base estrutural do *footing*, os esquemas são a base estrutural da interpretação do enunciado em interação baseados no compartilhamento do conhecimento de mundo dos participantes interacionais. O esquema também pode ser entendido como as expectativas criadas pelos participantes de um evento comunicativo sobre o que sabem, ouvem, sentem e interpretam a respeito das pessoas que fazem parte da interação.

Tannen e Wallat (1979, *apud* RIBEIRO; GARCEZ, 2013, p. 191), ao analisarem a interação de enquadres e esquemas, esclareceram ainda que “uma discrepância nos esquemas gera uma mudança de enquadres”, ou seja, a identificação dos enquadres realizados no



momento da interação está associada aos recursos verbais e não verbais ocorridos no evento comunicativo e qualquer mudança nesses processos implicará uma mudança de interpretação.

3. O cenário interacional do programa *marília gabriela entrevista*

A entrevista é um tipo de encontro social em que os interlocutores se preocupam não só com a conversação estabelecida entre o entrevistador e o entrevistado, como também com a interação com o público a quem ela se dirige. Geralmente esse público é quem, direta ou indiretamente, determinará a direção dada à entrevista.

De acordo com Bentes (2010):

A entrevista apresenta-se como criação coletiva, pois se produz não só internacionalmente, mas também de forma organizada e é o lugar em que os interactantes constituem relações especiais de dominância ou igualdade, convivência ou conflito, familiaridade ou distância. (BENTES, 2010, p. 128).

Neste sentido, podemos dizer que a entrevista possui um contrato, um acordo prévio de realização da conversação que auxilia no reconhecimento dos papéis sociais e discursivos dos seus participantes. Durante a entrevista, os interlocutores colocam em prática o que foi planejado, porém isso não garante que o roteiro seja seguido integralmente, pois, de acordo com Marcuschi (2003), estratégias discursivas serão escolhidas durante a conversação para que ocorra a correspondência das expectativas dos interlocutores que se prepararam para esse tipo de encontro social.

Seguindo os moldes do gênero entrevista televisiva, o programa *MARÍLIA GABRIELA ENTREVISTA* surgiu em 1997 como uma nova versão do programa *AQUELA MULHER*, no qual a apresentadora Marília Gabriela entrevistava apenas mulheres⁴. Transmitido pelo canal GNT⁵, uma emissora de canal fechado que tem como traço central a vinculação com o universo feminino, *MARÍLIA GABRIELA ENTREVISTA* é um programa que acessa qualquer personalidade do campo midiático que tenha alguma experiência a ser compartilhada com a audiência. Cada personalidade convidada possui uma característica que solicita uma temática

⁴ Informação extraída do site: <<http://www.portaldosjornalistas.com.br/perfil.aspx?id=141>>. Acesso em: 14/11/2014.

⁵ O referido programa pertence à GNT/GLOBOSAT, canal 41 das operadoras de TV por assinatura SKY/NET. Uma amostra de uma das entrevistas pode ser conferida no link: <<https://www.youtube.com/watch?v=E269KTHoVVA>>.

específica da área em que atua ou das experiências vividas.

Apesar de Marília Gabriela possuir um roteiro de perguntas sobre os assuntos a serem tratados, percebe-se que o formato do seu programa permite certo improviso de modo que os textos nunca se apresentam como se ela os tivesse decorado. Além disso, Marília Gabriela insere perguntas, a partir da fala do entrevistado, que, em certos momentos, mudam o foco temático proposto, deixando a entrevista mais receptiva a intervenções que não seguem à risca nenhum roteiro. Observamos, então, um cenário muito propício para Marília Gabriela utilizar as pistas de contextualização e realizar mudanças de *footing* a partir dos esquemas de conhecimento que ela possui a respeito de cada ator entrevistado.

4. Análise discursiva

Na interação televisiva do programa MARÍLIA GABRIELA ENTREVISTA, em que existe a coparticipação de todos os integrantes ao se posicionarem frente a frente, considera-se o comportamento interacional de Marília Gabriela com base nos seguintes aspectos: i) seu posicionamento diante dos entrevistados; ii) os *footings*, enquadres, as pistas de contextualização e os esquemas de conhecimento realizados por Marília Gabriela; iii) os papéis sociais e interacionais realizados por Marília Gabriela.

Os exemplos utilizados em nossa análise foram retirados de três entrevistas do programa MARÍLIA GABRIELA ENTREVISTA, observando as estratégias discursivas e o propósito comunicativo de Marília Gabriela diante de três entrevistados diferentes. Essas três entrevistas foram escolhidas porque nelas estão contidas as expectativas conversacionais criadas pelos participantes de uma interação de mídia televisiva que podem variar de acordo com o conhecimento prévio estabelecido entre eles. Para este artigo, escolhemos um trecho de cada entrevista para demonstrar a aplicação dos conceitos discutidos pela perspectiva teórica da Sociolinguística Interacional.

A primeira entrevista analisada foi transmitida no dia 17/10/2013 e tinha como convidados os atores Reynaldo Gianecchini e Maria Fernanda Cândido. Nessa entrevista, assuntos como vida profissional e pessoal foram questionados por Marília Gabriela, e o foco temático era a peça teatral “A Toca do Coelho”, que esteve em cartaz até o final de 2013 e foi protagonizada por Reynaldo Gianecchini e Maria Fernanda Cândido. Nesta entrevista, percebemos certa informalidade por parte da entrevistadora, que pode ser explicada pela relação

conjugal que Marília Gabriela teve com o ator Reynaldo Gianecchini.

Na segunda entrevista analisada, veiculada no dia 28/10/2012, Marília Gabriela recebeu o ator e amigo íntimo, Murilo Benício, para falar sobre sua vida pessoal e profissional. Essa entrevista teve como foco temático o papel interpretado pelo ator na novela das oito horas “Avenida Brasil”, transmitida, na época, pela Rede Globo de Televisão. Murilo Benício foi colega de elenco da atriz Débora Falabella nessa novela, em que fez o papel de Tufão. Observamos, também, nessa entrevista certa informalidade por parte da entrevistadora, que pode ser explicada pela amizade de longa data que Marília Gabriela mantém, até os dias atuais, com o ator Murilo Benício.

A terceira entrevista escolhida, veiculada no dia 24/11/2013, foi com ator Marcos Palmeira, colega de profissão de Marília Gabriela. Nessa entrevista, o foco temático era a indicação do ator, por sua atuação na série MANDRAKE, exibida pela HBO, ao prêmio máximo da televisão mundial, a Emmy Internacional, considerada o Oscar da TV, em sua 41ª edição, realizado no dia 25/11/2013, em Nova York nos Estados Unidos. Observamos nessa entrevista uma maior formalidade por parte da entrevistadora, que pode ser explicada pelo fato de Marília não manter com Marcos Palmeira o mesmo grau de amizade e intimidade que possui com os atores anteriormente mencionados.

Após assistir aos vídeos das entrevistas escolhidas, iniciamos as transcrições das entrevistas, conforme orientações dos etnometodólogos Sacks, Schegloff, Jefferson (1974) e Marcuschi (2003), estudiosos da conversa em interação que consideram, nas conversações reais, não apenas traços verbais, mas também alguns detalhes linguísticos e não linguísticos, que promovem a compreensão de tudo o que é dito e feito numa interação face a face. Após a transcrição, segmentamos aproximadamente dois minutos de conversa de Marília Gabriela com cada um dos seus convidados.

Entrevista a – Marília Gabriela entrevista o ator Reynaldo Gianecchini e a atriz Maria Fernanda Cândido

Nessa entrevista, observamos que Marília Gabriela conduziu seu *footing* ou seu *alinhamento* diante de seus entrevistados com certa informalidade, que pode ser explicada pelo esquema de conhecimento que ela possuía a respeito dos hábitos do ex-marido Reynaldo Gianecchini. Essa postura ou *footing* da entrevistadora possibilitou a manifestação de pistas de contextualização (inferências) sinalizadas por marcas não linguísticas que auxiliam na devida

interpretação de tudo o que é dito e feito por todos os participantes de um evento comunicativo.

Para confirmar a utilização dessas estratégias discursivas, trazemos, como exemplo para este artigo, o trecho (1) a seguir, que faz parte do terceiro bloco dessa entrevista. As letras “M” e “F” representadas neste trecho correspondem respectivamente à entrevistadora Marília Gabriela e à atriz Maria Fernanda Cândido.

TRECHO (1) 1M: **Maria Fernanda, você tava ali assistindo (+) a entrevista do Gianni**
2F: [hum][humhum]
3M: **E aí ele disse aquela hora(+)**
4F: [humhum]
5M: **= e eu sei onde ele queria chegar falando assim:**
6F: [hum]
7M: **Eu conheço geminia::nas e as geminia::nas**
08F: [mhm tá] ((risos))
09M: **e que de vez em quando.h (+)**
10M: **-MAS AQUILO É VERDADE**
11M: **=Ele não sabe perder no jogo**
12M: **=já jogou com ele ou não?.**

No trecho (1) acima, Marília Gabriela realizou uma fase introdutória de enunciados baseada na entrevista dada por Reynaldo Gianecchini no segundo bloco, com o propósito comunicativo de evidenciar as experiências comuns compartilhadas quando ainda era casada com o ator.

Segundo Gumperz (1982), as inferências que fazemos a respeito de alguma situação comunicativa só alcança significado dentro de um contexto preconcebido, ou seja, o que foi sinalizado depende do conhecimento prévio de tudo o que é reconhecido por todos os participantes: são os chamados pressupostos contextuais. Neles estão contidas as pistas de contextualização que, de acordo com Rodrigues-Júnior (2002, p. 34), “têm cunho sugestivo, porque nascem de pressuposições feitas pelos interlocutores no momento da interação social”.

Baseando-se nessas considerações, podemos afirmar, então, que, nas linhas 11 e 12 do trecho (1), Marília Gabriela utilizou as pistas de contextualização ao enunciar: “=**Ele não sabe perder no jogo**” e “=**já jogou com ele ou não?**”, utilizando uma entonação ascendente como traço linguístico que tem um valor sinalizador de pressuposições sociais em torno das quais qualquer mensagem deve ser interpretada. Esses enunciados referem-se a um fato ocorrido quando Reynaldo e Gabriela ainda eram casados. Os dois costumavam jogar WAR, um jogo conhecido por causar algumas discussões.

De acordo com Gumperz (1982), essa atividade de fala, quase nunca é comentada de maneira direta, mas pode ser percebida inconscientemente por todos os participantes

interacionais a partir do conhecimento prévio contextualmente sinalizado.

Entrevista b – Marília Gabriela entrevista o ator Murilo Benício

Esta entrevista tem como foco temático as gravações das cenas da novela “*Avenida Brasil*” e teve uma duração de quarenta e cinco minutos. Neste artigo, apresentaremos o trecho (2) que pertence à primeira parte dessa entrevista, para demonstrar as estratégias discursivas utilizadas pela entrevistadora Marília Gabriela e confirmar a hipótese anteriormente levantada de que as mudanças de *footing* marcadas pelas pistas de contextualização adotadas pela entrevistadora foram direcionadas pelo esquema de conhecimento que ela possuía a respeito de seus entrevistados, neste caso, o ator Murilo Benício. As letras “M” e “B” representadas neste trecho correspondem, respectivamente, à entrevistadora Marília Gabriela e ao ator Murilo Benício.

Trecho (2) 1B: É incrível né

2M: ô Murilo ((risos))

3M: Tamo aqui rindo ele é abesteire:nto (0,2) sempre

4M: Murilo ahh:: (0,2) o TufÃO (0,1) você imaginava que ia acontecer isso=você já tá acostumado a ser mui:to elogiado nos seus trabalhos porque esse foi(+) par:ticu:larmente chegou a mi::m assim (0,2) amigas (0,1) Maria Helena Amaral PARTICULARmente que ligavam pra dizer NO::SSA MAS O MURILO BENÍ::CIO TA ARREBENTANDO, isso acontece sempre ou (0,2) o Tufão te deu isso mais que os outros?

5B: Eu num sei eu levo uma vida muito trabalho e CASA (0,2) eu num tenho muita repercussão (+)do que tá acontecendo ou to alí dentro da Globo gravando que a gente grava mui::to ou to em casa com meus filhos, eu não to muito na rua, eu não sou muito de rua então eu não pego muito essa repercussão eu num..

6M: Quando você diz a gente gravou muito não é como se faz em toda novela?

7B: chhhh= Não (+) essa novela tem uma coisa que é muito bom (+) teve alguma coisa que é muito bom e também é muito ruim (+) eram trinta personagens

8M: Ah

9B: Então enquanto (03,) um::: autor geralmente usa no mínimo cem (+) tínhamos trinta e o que gera de história pra cada um você trabalha o triplo

10M: E dava tempo de decora::r de fazer tudo?

11B: Eu tenho um processo muito interessante né que eu nu::mmm levo trabalho pra casa num decoro

12M: ((risos)) como assim?

13B: É verdade, maluco né

14M: Como assim? ((risos))

15B: Cê sabe que (+) eu acho (0,2) tem que falar isso muito direito porque as pessoas podem não entender em casa e achar que eu sou homem mais besta hoje vivo no Brasil, eu acho que eu sou a pessoa que melhor sei fazer novela hoje.

16M: Por quê?

17B: Porque eu não trabalho final de semana e não levo texto pra casa (+) então eu trabalho aquelas nove horas da Globo quando acaba aquelas nove horas eu vou pra minha família= sexta-feira à noite eu já pego meus filhos e vou pra serra, então eu tenho (+) ah, a Rede Globo me deu (+) depois desses anos todos um:::a, um:a é:é:é: um (0,1) uma chance de ver meus filhos crescer (+) que muitas as sab/ eu vejo as pessoas do meu lado trabalham de segunda a sábado quando num tem um domingo.

18M: Mas o que é que você faz, como é que você se resolve com as coisas que você tem que dizer no ar que são texto de um autor.



- 19B: Eu decoro RÁ::pido,] mui::to Rápido né
 20M: [[ahh é isso
 21B: Cê passa por ali, olha[repete repete=[
 22B: [[é
 23B:=[eu tenho, eu tenho meu camareiro[há dez anos] (+) Ângelo
 24M: [[é
 27B: [[um beijo, ele sempre gosta que eu fale dele, ele parece né ummm ESPOSA né ((risos))
 26M: ((risos))
 27B: Eu digo sempre que meu casamento que mais deu certo [DEZ ANOS
 28M: [[ohh verdade (+) merece que você fale
 29B: E aí ele decupa todas as cenas pra mim (+) é o capítulo num vai nem pra minha casa vai pra casa dele
 30M: Ah
 31B: Ele decupa tudo, desenha tudo, amarelo, rosa num sei que lá (+) e a gente tem um código, eu chego no estúdio meio dia e meio pra começar a gravar e falo e aí Ângelo, falo muito? Falo muito é se tem muito texto grande num sei que lá e ele já sabe o que é falar muito pra mim ou não (+) então ele fala NÃO hoje ce num fala nada cê [[
 32M: [[o que que é falar muito pra você?
 33B: Ah quando tem três páginas de cena com textos desse tamanho cada um
 34M: ()
 35B: é[
 36M: =[Ham[
 37B:=[aí tenho que dá uma olhada (0,1) aí eu dou uma olhada [=[ham
 38G: =[ham
 39M: aí (+) fico lendo um pouquinho [
 40M: =[ham
 41M: E quando n::ÃO?
 42B: Aí nem olho eu pego // dentro do estúdio [((risos))
 43M: ((risos)) =[VO(h)CÉ É(h) UM DISCARADO (h)//
 44B: tá dentro do estúdio [((risos))

De acordo com Ribeiro e Garcez (2013, p. 114-115), “no curso da interação ocorrerá o intercâmbio dos papéis de falante e ouvinte, com vistas à manutenção de um formato afirmação/resposta, sendo que o direito de falar neste instante – a palavra – vai e vem.”.

Pautando-nos nesse conceito, verificamos, no trecho (2), a ocorrência de uma fase introdutória de enunciados que foi utilizada por Marília Gabriela para negociar as relações interpessoais estabelecidas entre ela e o ator Murilo Benício, utilizando afirmações baseadas no conhecimento prévio que ela possuía a respeito do ator. Isso pode ser observado nas linhas 2, 3 e 4 respectivamente, quando Marília Gabriela inicia uma negociação conversacional com certa informalidade a que os termos ouvinte e falante se ajustaram perfeitamente. Essa informalidade pode ser explicada pelo fato de Marília e Benício serem, até os dias atuais, amigos íntimos, relação que, segundo Gumperz (1982), pode contribuir para a manifestação de pistas de contextualização.

Esse bate papo inicial, que teve como objetivo principal elogiar Murilo Benício pela sua bela atuação no papel de Tufão na novela *Avenida Brasil*, correspondeu a uma manutenção do



footing de entrevistadora, por parte de Marília Gabriela. Teve-se, como propósito comunicativo, a condução eficaz da produção e da recepção dos enunciados, que foram sendo produzidos por meio de uma sequência de pares adjacentes, ou seja, o par pergunta e resposta, com algumas tomadas de turno e algumas sobreposições.

Ainda no trecho (2), observamos, também, que Marília Gabriela, por meio das perguntas das linhas 6, 10, 12 e 14 respectivamente, criou uma esfera interacional denominada por Gumperz (1997) “envolvimento conversacional”. Por meio desse recurso discursivo, Marília Gabriela remodelou todo o curso da interação, provocando Murilo Benício com várias perguntas que tinham como propósito comunicativo entender como o ator conseguia trabalhar sem decorar seus textos. Murilo Benício compreendeu a sinalização de Marília Gabriela e iniciou, a partir da linha 15, um relato sobre o método que ele utilizava para decorar as cenas das novelas, contando, inclusive, que tinha um camareiro que o auxiliava na organização dos capítulos que seriam encenados. Nos enunciados das linhas 12 e 14 do trecho (2), Marília Gabriela utilizou uma *competência comunicativa* ou pista de contextualização para demonstrar a sua ânsia em saber como Murilo Benício encenava seus personagens sem decorar os textos, enunciando, entre risos: “**((risos)) como assim?**”. A entonação utilizada por Marília Gabriela ao repetir a pergunta “**como assim**” reiterou uma incredulidade, uma dúvida, bem como exigiu de Murilo uma explicação sobre seu comportamento profissional.

Na linha 32, Marília Gabriela deu continuidade ao tópico anterior indagando Murilo Benício sobre o significado “de falar pouco” ou “falar muito” em uma cena de novela. Murilo Benício explicou que a fala depende da quantidade de páginas escritas para aquela cena. Nas linhas 33, 37 e 39, o ator explicou para Marília Gabriela que, se o texto é menor, ele lê rapidamente o roteiro da cena em que atuará. A partir desse depoimento, Marília Gabriela manifestou uma curiosidade na linha 41, utilizando um traço linguístico de entonação ascendente enunciando: “**E quando NÃO?**”. Observa-se, no trecho (2), que Marília Gabriela, ao produzir o enunciado da linha 41 “**E quando NÃO**”, passou de ouvinte (estrutura de participação) a falante (formato de produção) e fez o papel de animadora e autora para produzir inferências por meio desse enunciado, ou seja, Marília Gabriela realizou uma mudança de *footing*. Além disso, ao produzir esse enunciado da linha 41, ela se beneficiou de tudo o que foi dito por Murilo Benício no trecho (2), para inferir que ele interpretava uma cena longa de novela sem decorar o texto e também para recriminá-lo por não decorar seus textos, enunciando na linha 43: “**((risos))=[VO(h)CÊ É(h) UM DISCARADO (h)]/”**”.



Entrevista c – Marília Gabriela entrevista o ator Marcos Palmeira

Nos trechos (3) e (4) a seguir, observamos o comportamento linguístico e não linguístico de Marília Gabriela por meio dos enquadres interativos e dos esquemas de conhecimento realizados por ela diante do ator Marcos Palmeira.

Trecho (3) **1G: Marquinhos, vou te chamar de Marquinhos que não seguro=nesse momento sobre o que eu vou falar merece essa esse nome carinhoso(.h).**
2G: Ohh há quantos anos nasceu “Mandrake”
3P: Mandrake nasceu em 2004/2005
4G: Da ahh tirado da obra de [Rubem Fonseca
5P: [Rubem Fonseca é isso
6G: E foi pra HBO=e fez sucesso de cara?
7P: Fez sucesso de cara foi uma série de muito sucesso no México, na Argentina=foi a primeira série a pontuar na grade americana sendo uma produção estrangeira=chegou a ficar em sexto lugar lá na na na pontuação da grade de de enfim=foi um super[sucesso

Para compreendermos as estratégias discursivas e propósitos comunicativos realizados por Marília Gabriela diante dos entrevistados escolhidos para este estudo, salientamos seu comportamento discursivo mais informal diante dos atores das duas primeiras entrevistas e mais formal nesta entrevista.

Marília Gabriela iniciou a entrevista com o ator Marcos Palmeira com um breve comentário a respeito da série Mandrake transmitida pelo canal GNT e protagonizada pelo ator. O tópico discursivo principal dessa entrevista era a indicação de Marcos Palmeira ao prêmio Emmy Internacional pela sua atuação nesta série.

A entrevistadora inicia a conversa na linha 1 do trecho (3) enunciando: **“Marquinhos, vou te chamar de Marquinhos que não seguro=nesse momento= sobre o que eu vou falar merece essa esse nome carinhoso(.h)”**. Nessa fase introdutória, observamos que Marília Gabriela delimitou sua intimidade com Marcos Palmeira em torno de um bate papo mais informal. Sua estratégia discursiva foi, então, chamar Marcos Palmeira carinhosamente de **“Marquinhos”**, no início do trecho (3), mantendo um enquadre mais associado a uma “conversa com um amigo”, do que a um enquadre associado a uma “conversa com um ator convidado”. Concluimos, então, que esse enquadre associado a uma “conversa com um amigo” utilizado por Marília Gabriela teve os seguintes propósitos comunicativos:

- a) estabelecer maior proximidade com Marcos Palmeira, uma vez que o ator não pertencia ao mesmo círculo de amizade de Marília Gabriela;

- b) elogiar o ator, contextualizar a série *Mandrake* e, sobretudo, potencializar a importância desta série para a indicação do ator ao prêmio Emmy Internacional.

A partir dos enunciados das linhas 2 e 6 do trecho (3), observamos que Marília Gabriela estabeleceu uma relação mais formal com Marcos Palmeira, com o propósito de construir seus esquemas de conhecimento e realizou uma negociação comunicativa que, de acordo com Goffman (1974), pode variar ou ser sustentada ao longo da interação, ou seja, Marília realizou, portanto, uma mudança de *footing*. Este comportamento menos informal por parte da entrevistadora deve-se ao fato de Marcos Palmeira não pertencer ao mesmo ciclo de amizade da entrevistadora.

Trecho (4)

1G: Você é um homem de grandes romances, conhecidos pelo menos, porque você é ã num sei=a maior parte do tempo se relacionou com pessoas do seu(+) **me::eio**
2P: [É foi um período gran:de assim né e mulheres famosas né
3G: Exatamente=então não não havia como não estar na mídia/
4P: É
5G: =quer dizer: haveria nu::m tempo ideal mas não na era do espetáculo **6P:** É
7G: Então você sem:pre esteve na mídia(+) e me pareceu sempre que você (+) saía das suas histórias com uma certa des-far-ça-tez com um je:tomui:to tranquilo]
8P: [e eu não sou mineiro heim
9G: ok (risos) tchau e benção=agora não quero mais
10G: Foi assim a sua vida inteira como(+) nos seus relacionamento
11G:(.h)o que eu tô perguntando é=eu sei que mulher é complicada
12G:=prum cara com o seu temperamento é complica:do conviver com a gente?

Marília Gabriela, durante todas as suas entrevistas, coloca em prática o que é planejado, ou seja, a entrevistadora segue um *script*. Porém, isso não garante que o roteiro seja seguido integralmente, pois, de acordo com Marcuschi (2003), estratégias discursivas serão escolhidas durante a conversação para que ocorra a correspondência das expectativas de todos os interlocutores que se prepararam para esse tipo de encontro social. Além disso, segundo Ribeiro e Garcez (2013), estratégias conversacionais, como pistas de contextualização e mudanças de *footing*, podem variar de acordo com o conhecimento prévio estabelecido entre os participantes de um evento social.

Para exemplificar as estratégias conversacionais utilizadas por Marília Gabriela diante do ator Marcos Palmeiras, trazemos, para este artigo, também as análises dos enunciados das linhas 11 e 12 do trecho (4) acima, quando a entrevistadora utiliza uma das bases estruturais para mudança de *footing* que parte do ponto de vista do falante (formato de produção) ao enunciar: “**(.h)**o que eu tô perguntando é=eu sei que mulher é complicada” e “**prum cara com o seu temperamento é complica:do conviver com a gente?**”. Nesses enunciados

verificamos que Marília Gabriela, a partir do conhecimento prévio de que o ator já tivera grandes relacionamentos com várias atrizes, especificou o que, na verdade, gostaria de saber, realizando uma mudança de *footing*. Essa provocação pode ser entendida como uma estratégia discursiva utilizada por Marília Gabriela com o objetivo de construir esquemas de conhecimento sobre a opinião de Marcos Palmeira a respeito das mulheres.

5. As três entrevistas

Em todas as três entrevistas, observamos que as escolhas linguísticas e não linguísticas que Marília Gabriela utilizou são, segundo Ferguson (1985), “convenções consideradas apropriadas para o cenário e para a plateia”.

Observamos, nesses três cenários, que Marília Gabriela negociou as relações estabelecidas entre ela e os atores convidados, procurando manter a correspondência das expectativas dos interlocutores que se prepararam para esse tipo de encontro social. As análises dessas três entrevistas levaram-nos a concluir que Marília Gabriela realizou as mesmas estratégias discursivas diante de todos os entrevistados, porém as mudanças de *footing* e as pistas de contextualização realizadas pela entrevistadora foram sendo definidas a partir dos enfoques temáticos e dos esquemas de conhecimento que ela possuía a respeito de cada um dos seus entrevistados.

Ao comparar as entrevistas A e B, observamos que Marília Gabriela, além de realizá-las com certa informalidade, conferiu aos seus entrevistados uma condição de igualdade, convivência, proximidade, familiaridade e, por vezes, certa autoridade. Isso se deve ao fato de Marília Gabriela ter sido casada com o ator convidado da entrevista A, Reynaldo Gianecchini, e ser amiga íntima, até os dias atuais, de Murilo Benício, ator convidado da entrevista B. Nessas duas entrevistas, Marília Gabriela realizou mudanças de *footing* marcadas por pistas de contextualização a partir do conhecimento prévio que ela tinha a respeito da vida pessoal e profissional desses dois atores. Por outro lado, o comportamento discursivo de Marília Gabriela na entrevista C passou a ser mais formal do que nas entrevistas A e B. Esse *footing* mais formal mantido pela entrevistadora teve como propósito comunicativo construir esquemas de conhecimento a respeito da vida profissional e pessoal do ator Marcos Palmeira.

Por meio do cotejamento entre as entrevistas A, B e C, concluímos que as mudanças de *footing* marcadas pelas pistas de contextualização realizadas pela entrevistadora Marília Gabriela nas entrevistas A e B foram pautadas nos esquemas de conhecimento que ela possuía



a respeito de cada ator entrevistado. Esses esquemas e conhecimento incentivaram um comportamento mais informal por parte da entrevistadora. Porém, na entrevista C, observamos que Marília Gabriela manteve uma conduta discursiva mais formal e mais subordinada por causa da pouca familiaridade que ela tinha com o ator Marcos Palmeira. Nessa entrevista, as mudanças de *footing* e as pistas de contextualização foram realizadas a partir dos esquemas de conhecimento que foram sendo construídos ao longo dessa entrevista.

6. Considerações finais

Por meio da análise proposta por este estudo, vemos a possibilidade de descrever momentos de interação em um evento de entrevista televisiva cujos encontros são permeados de sobreposição e subordinação de várias atividades de fala que contribuem para a manutenção do compartilhamento discursivo de todos os interagentes de um evento comunicativo. Isso caracteriza e confirma, dessa forma, a complexidade inerente às situações de interação face-a-face.

O evento social aqui analisado é inerentemente a uma atividade interativa na qual entrevistador(a) e seu(s) convidado(s) direcionam seus enunciados por meio de traços verbais e não verbais para alcançar seus propósitos comunicativos. Esses traços linguísticos e não linguísticos são utilizados como estratégias discursivas, escolhidas durante a conversação, para que ocorra uma correspondência das expectativas dos interlocutores que se preparam para esse tipo de encontro social.

De acordo com Goffman (1974), em qualquer diálogo a situação social deve ser negociada de tal maneira que todos os interlocutores entendam o significado do discurso de acordo com o contexto no qual a interação se desenvolve. É exatamente nessa negociação que o autor afirma que a todo instante os indivíduos realizam enquadres (*frames*) que organizam e orientam o discurso.

Para confirmar a hipótese lançada de que os diferentes esquemas de conhecimento que Marília Gabriela possui a respeito de seus entrevistados direcionam as suas mudanças de *footing* sinalizadas pelas pistas de contextualização adotadas em suas práticas discursivas durante as entrevistas, respaldamo-nos nas seguintes elucidações dos teóricos da Sociolinguística Interacional:

- 1) Para organizar seus discursos, os sujeitos propõem permanentemente enquadres e mudança de *footing* para se orientar em relação a tudo o que foi dito e feito numa situação

interacional, ou seja, os sujeitos constroem seus discursos com o auxílio de traços discursivos como entonação, tomadas de turno, pausas e prolongamentos, entre outros, para alcançarem as suas intenções comunicativas. (GOFFMAN, 1974, *apud* RIBEIRO; GARCEZ, 2013, p. 107);

2) as inferências advindas das pistas de contextualização são pressuposições hipotéticas ou interpretações realizadas pelo ouvinte sobre o que o falante deseja comunicar. (GUMPERZ, 1982, *apud* RIBEIRO; GARCEZ, 2013, p. 149);

3) a interpretação de tudo o que foi dito e feito só poderá ser validada quando conjugada ao conhecimento prévio que os sujeitos possuem uns dos outros. (TANNEN; WALLAT, 1987, *apud* RIBEIRO; GARZEZ, 2013, p. 183).

As interpretações extraídas das análises feitas neste estudo levantaram o questionamento de que Marília Gabriela realizou as mesmas estratégias discursivas diante de todos os entrevistados, porém as mudanças de *footing* e as pistas de contextualização realizadas pela entrevistadora foram definidos a partir dos enfoques temáticos e dos esquemas de conhecimento que ela possuía a respeito de cada um dos seus entrevistados.

Para exemplificar tal consideração, podemos destacar que:

a) na fase inicial das três entrevistas, por exemplo, observamos que Marília Gabriela organizou o gerenciamento da tomada de turno (pares adjacentes), mostrando evidência de atenção a tudo o que estava sendo falado.

b) Verificamos sobreposições e subordinações de fala nas três entrevistas.

c) Na entrevista A e B, Marília Gabriela confere aos seus entrevistados uma condição de igualdade, convivência, proximidade, familiaridade e, por vezes, uma conduta discursiva mais autoritária, mesmo porque o ator convidado da entrevista A, Reynaldo Gianecchini, é seu ex-marido e o ator convidado na entrevista B, Murilo Benício, um amigo íntimo. Já na entrevista C, Marília Gabriela manteve uma conduta discursiva mais formal e mais subordinada por causa da pouca familiaridade que ela tinha com o ator Marcos Palmeira.

d) Observamos, também, que as pistas de contextualização e as mudanças de *footing* foram realizadas a partir dos esquemas de conhecimento que Marília Gabriela tinha a respeito dos convidados da entrevista A e B. Na entrevista C, por outro lado, as mudanças de *footing* e as pistas de contextualização foram realizadas como estratégias discursivas utilizadas por Marília para construir seus esquemas de conhecimento.

Pelo exposto, a importância deste estudo vai além dos limites dos cenários de entrevistas televisivas. A análise das relações sociais ocorridas neste micro contexto interacional confirma



que a diversidade afeta a interpretação e acrescenta às mais variadas pesquisas feitas sobre o assunto, que estratégias discursivas como as mudanças de *footing* e pistas de contextualização são direcionadas pelos esquemas de conhecimento que cada indivíduo possui a respeito “do que está acontecendo aqui e agora”. (RIBEIRO; GARCEZ, 2013, p. 107).

Referências

- AQUINO, Z; FÁVERO, L; ANDRADE, M. Papéis discursivos e estratégias de polidez nas entrevistas de televisão. *Revista Veredas*, Juiz de Fora, 2009, v.4. n.1. p. 67-77. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/artigo76.pdf>>. Acesso em: 26/04/2015.
- BENTES, Anna Christina; LEITE, Marli Quadros (org.). *Linguística de texto e análise da conversação panorama das pesquisas no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2010.
- FERGUSON, C. A. *Editor's introduction: Special language registers*. Special issue of *Discourse Process* 8:391-94, 1985.
- FERREIRA, Wisla Madaleni Alves Cabral. *Construção prosódica e discursiva da ironia em fala espontânea e fala atuada*. 2015. 126f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) ICHS – Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2015.
- GOFFMAN, Erving. *Frame analyses*. Reprint. Originally published: New York: Harper & Row, 1974.
- GOFFMAN, Erving. *Footing*. In: RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro M. *Sociolinguística Interacional*. São Paulo: Edições Loyola, 2013[1974].
- GUMPERZ, J. J. *Discourse strategies*. Cambridge University Press, 1982.
- GUMPERZ, J. J. *Discourse strategies*. Cambridge: In: RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro M. *Sociolinguística Interacional*. São Paulo: Edições Loyola, 2013[1982].
- MACHADO, Flávia Medeiros Álvaro. *Conceitos abstrato: escolhas interpretáveis de português para libras*. 2 ed. Curitiba: Appris, 2017.
- MARCUSCHI, Luiz A. *Análise da conversação*. 5. ed. São Paulo: Editora Afiliada, 2003.
- NÓBREGA, D. G. A. Pragmática e sociolinguística interacional: contribuições para a formação de professor em línguas materna e estrangeiras. In: SOUZA, F. M., and ARANHA, S. D. G., orgs. *Interculturalidade, linguagens e formação de professores*. Campina Grande: EDUEPB, pp. 49-65. Ensino e aprendizagem collection, vol. 2, 2016.
- RODRIGUES-JÚNIOR, A. S. *Estratégias discursivas de um pai-de-santo umbandista em possessão*. 2002. 173f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem). FALE – UMG – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.
- RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (org.) *Sociolinguística Interacional*. Porto 3 Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013.
- SACKS, Harvey; SCHEGLOFF, Emanuel A.; JEFFERSON, Gail. *Sistemática Elementar para a organização da tomada de turnos para a conversa*. Juiz de Fora: Veredas, v. 7, n. 1-2, 2003.
- TANNEN, Deborah; WALLAT, Cynthia. *Enquadres interativos e esquemas de conhecimento em interação: Exemplos de um exame/consulta médica*. In: RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro M. *Sociolinguística Interacional*. São Paulo: Edições Loyola, 2013 [1987].

[RECEBIDO: agosto/2018]

[ACEITO: novembro/2018]